

Um manual recomendado aos professores: como se tornar o pior aluno da escola



GENTILI, Danilo. **Como se tornar o pior aluno da escola**. Manual completo, ilustrado, revisado e não recomendado para estudantes. São Paulo: Panda Books, 2009.

Recentemente, a seção Panorama da **Revista VEJA** (edição 2161, ano 43, n. 16, de 21 de abril de 2010), publicou *Conversa* com Danilo Gentili, autor do livro **Como se tornar o pior aluno da escola**. Manual completo, ilustrado, revisado e não recomendado para estudantes” (São Paulo: Panda Books, 2009, 168 p.), que já vendeu mais de 13 mil exemplares e está em sua segunda impressão (2010). A entrevista teve por mote a proibição do Ministério Público, que considerou a obra inadequada para menores de 18 anos, colocando um selo de advertência em sua capa¹. Apresentado como “o engraçadinho da classe”, o autor considera que essa restrição vai aumentar as vendas do livro, isto é, vai ser mais um estímulo ao leitor.

A ficha catalográfica classifica a obra como literatura infantojuvenil, mas impropriamente “educação de crianças”, pois os exemplos dirigem-se para alunos da sétima e oitava série do ensino fundamental, isto é, adolescentes, mais adeptos a esse tipo de leitura. Algumas questões se colocaram: qual a contribuição que o livro pode trazer para a formação de adolescentes/adultos? Pode ser considerado um *livro educador*, com intenção educativa?

O projeto gráfico é extremamente atrativo para os jovens leitores, permitindo uma leitura agradável: capa dura; uso alternativo de páginas brancas sem linhas, brancas quadriculadas, páginas pretas; fartamente ilustrado com desenhos, charges, imagens, criações do autor e do cartunista Moa; alterna letra impressa, cursiva e script, tornando o texto descontraído e espirituoso. Esse cuidado com a estética possibilita e facilita a identificação do leitor adolescente.

O título “Como se tornar o pior aluno da escola” já é uma estratégia discursiva humorística que atrai o adolescente e estudante que se identifica com o desafio colocado. No entanto, o autor dedica a obra “a todos os professores e mestres que, ao longo da minha vida, acreditaram em

mim... mas mesmo se esses caras existissem acho que não aprovavam tal livro”. Esse é um desafio que se coloca aos professores educadores: pensar no seu fazer cotidiano de sala de aula que desagrada tanto aos alunos. Apresentado como “manual” para os alunos desestimulados, também pode servir como manual estratégico aos professores em suas práticas educativas, escolares e disciplinares.

O autor, paulistano nascido em 1979, é formado em Publicidade e Propaganda, escritor, cartunista, humorista e repórter. É reconhecido nacionalmente como integrante do programa de humor CQC – Custe o que Custar, transmitido pela Rede Bandeirantes desde 2008 –, e por ter ajudado a erguer o cenário da Comédia *Stand Up*² na cidade de São Paulo. Apresenta-se como “o pior aluno da escola”, mostrando que no seu histórico escolar acumulou “78 assinaturas no livro negro, 12 suspensões e uma expulsão”. Esses dados de apresentação aproximam o leitor adolescente, que vive uma fase que impõe a necessidade de negação das leis e regras que o mundo adulto estabelece. As idéias do autor, como contestação das regras, cativam o público jovem e os incentiva, objetiva e subjetivamente, à reprodução das ações indicadas na obra.

A contracapa traz a foto do autor com um chapéu com orelhas de burro, com o ilustrativo texto “Ser o melhor aluno da escola é para os fracos! O estudante nota Ø exemplar aguenta bravamente a patrulha dos certinhos, tira de letra as punições e terá em sua sala de troféus as mais variadas advertências e suspensões, tornando-se uma lenda para as próximas gerações escolares. Com este curso intensivo, você vai bombar!”.

O sumário da obra já é uma amostragem peculiar do conteúdo, dividido em 23 lições de como se tornar o pior aluno da classe: 1) Colar na prova, 2) Entregar a prova em branco, 3) Tirar nota baixa, 4) Copiar o trabalho da internet, 5) Fazer o trabalho um dia antes da entrega, 6) Não estudar, 7) Não fazer o dever de casa, 8) Chegar atrasado à

escola, 9) Dormir na sala de aula, 10) Matar aula, 11) Criar uma doença convincente, 12) Não participar da aula, 13) Fazer bagunça na sala, 14) Visitar a diretoria, 15) Não ajudar os colegas, 16) Colocar apelidos nos colegas, 17) Jogar a culpa no outro, 18) Brigar com os colegas, 19) Pegadinhas com os funcionários da escola, 20) Espalhar fofoca na escola, 21) Manter uma dieta não saudável, 22) Não zelar pelo material escolar, 23) Não ler livros. Após essas lições, traz ainda três capítulos: Formatura, Uma carreira brilhante pela frente e um encartado, em folhas pretas fechadas com um selo, intitulado *O grande livro dos pequenos planos*, com orientações de diferentes tipos de brincadeiras mal intencionadas, para serem utilizadas pelos piores alunos.

O que o autor considera como um péssimo aluno? A primeira regra que estabelece é “jamais lê livros. O fato de adquirir esse exemplar já demonstra que você está disposto a ser rebelde até com essa regra, pois o pior aluno é um pirata que navega destemidamente pelos mares da chatice do oceano poluído chamado ‘escola’” (2010, p. 1). Além dessa característica, elenca outras: matar aula; colar nas provas; copiar os trabalhos na Internet; dormir em aula; não fazer o dever de casa; frequentar assiduamente a sala do Diretor.

Em síntese, para o autor, “a escola quer que sejamos pessoas bem-sucedidas. Uma pessoa bem-sucedida é aquela que encontra a felicidade. Como estudar traz tristeza, não devemos estudar nunca” (p. 43). Nesse sentido, compara a escola com a prisão, assinalando as semelhanças: tem pátio, janelas com grade, muros altos, diretor; internos vestem todos a mesma roupa e comem na mesma hora; “e o pior – esquecem quem você é e passam a classificá-lo por cores e números” (p. 30).

O incentivo a ser o pior aluno, também está presente em outras obras. Rubem Alves e Gilberto Dimenstein, na obra “Fomos Maus Alunos” (2003), consideram que a escola não se preocupa em ser interessante para seus alunos, tem regras e uma organização que não é atraente, que poda a criatividade, que não permite ensaios. O aluno, por sua vez, vai contra tudo que a escola e o mundo adulto lhe impõe. Fica a questão permanentemente colocada aos educadores: o que a escola tem feito, ao longo dos séculos, para se tornar interessante e ter um papel significativo na vida de seus alunos?

Algumas questões abordadas por Gentili precisam ser apreciadas com cuidado e criticidade. Por exemplo, a incitação à violência verbal e psicológica, a partir de apelidos pejorativos sugeridos, que podem ser caracterizados como *bullying*³, assunto muito em pauta atualmente. Uma lição é dedicada a esse tema, estimulando a prática e criando a Tabela “*Apelidórica*” (p. 103), tendo por mote a Tabela Periódica da Química. Santos e Grossi (2008, p. 291) salientam que “confundir fatos do tipo *bullying* com brincadeiras é muito usual” e isso

poderá agravar a situação, já que os envolvidos – escola, pais, colegas, agressores e vítimas – acabam relevando as ações do agressor, contribuindo para que o fenômeno se intensifique e perdure.

O autor faz uso sistemático da estratégia de “balões”, das histórias em quadrinhos, para chamar a atenção do leitor. Num deles, intitulado “Para refletir”, traz o seguinte texto: “A escola é um conto de fadas às avessas, no conto de fadas a bruxa oferece a maçã para a vítima, que acaba dormindo quando a bruxa começa a falar. Na escola é a vítima quem dá a maçã para a bruxa. Porém, a vítima também acaba dormindo quando a bruxa começa a falar” (p. 58). A imagem docente como bruxa, frequente na literatura e em charges, reforça o estigma de autoritarismo da relação professor/aluno, antagonismo que as atuais tendências pedagógicas procuram superar, mas que perduram no cotidiano da sala de aula e da escola.

No capítulo intitulado “Uma carreira brilhante pela frente” para os piores alunos, o autor cita os cargos: trabalhos braçais, chefe, aposentado por invalidez, político, humorista, professor. Para cada um constrói uma explicação. Para professor diz:

[...] quem sabe faz, quem não sabe ensina, já dizia o velho ditado. Com as aulas em que você dormiu e com as lições que não fez, seu destino é não saber nada. Portanto, a carreira de professor é algo que você deve considerar, com uma vantagem: como você é *expert* no assunto, você pode até evoluir a arte. Aguarde o segundo volume desta obra: *Como se tornar o pior professor da escola*. (p. 136)

A leitura crítica sempre incita questionamentos, neste caso, é possível que eles ocorram em maiores proporções, já que o texto em questão vai de encontro a muitos de nossos anseios e crenças como educadores e pesquisadores da área. Já para o público adolescente pode funcionar como mola propulsora para ações desmedidas, baseadas nas emoções e necessidades de autoafirmação dos mesmos.

O livro nos faz refletir acerca de algumas questões: porque o público jovem sente-se tão atraído pelo livro em questão? O adolescente pode ser influenciado pelo autor a quebrar regras, transgredir, praticar ações mal intencionadas? Qual o papel da escola e dos professores diante da obra de Gentili?

REFERÊNCIAS

- DIMENSTEIN, Gilberto; ALVES, Rubem. **Fomos maus alunos**. São Paulo: Papyrus, 2003.
- MEDEIROS, Júlia. Seção Panorama. Conversa com Danilo Gentili. **Revista VEJA**, Editora Abril, ed. 2161, ano 43, n. 16, p. 66-67, 21 abr. 2010.

SANTOS, Andréia Mendes; GROSSI, Patrícia Krieger. Fenômeno Bullying: desvendando esta violência nas escolas públicas de Porto Alegre. **Revista Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 286-301, jul./dez. 2008.

MARIA HELENA CAMARA BASTOS

Doutora em Educação – História e Filosofia da Educação (USP).
Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da PUCRS.
Pesquisadora do CNPq. *E-mail*: <mhbastos@pucrs.br>.

JULIANA DOS SANTOS ROCHA

Graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (PUCRS).
Educadora do programa “Trabalho Educativo” da Organização
Não Governamental Pequena Casa da Criança.
E-mail: <juliana.pucrs@yahoo.com.br>.

NOTAS

- 1 Na edição 2010 ainda não aparece o selo de advertência. No entanto, no site www.pandabooks.com.br, a capa do livro já contém o selo, o que é um estímulo a mais para sua leitura, especialmente para o público adolescente.
- 2 A comédia *Stand Up* é um espetáculo de humor executado por um comediante sem o auxílio de cenários, caracterizações, personagens e recurso teatral da quarta parede; utiliza geralmente piadas inéditas feitas a partir do cotidiano e do improviso.
- 3 “*Bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequência da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.” (NETO e SAAVEDRA, 2004 apud SANTOS e GROSSI, 2008, p. 293).